

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura                   | Anno<br>36 n.º | Semest.<br>18 n.º | Trim.<br>9 n.º | N.º<br>à<br>entrega | 28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 951 | Redacção — Atelier de gravura — Administração<br>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4<br>Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5  |
|---|----------------|-------------------|----------------|---------------------|-------------------------------------|---|
| Portugal (franco de porte), m. forte... | 3\$800         | 1\$900            | \$650          | 3                   | 30 DE MAIO DE 1905                  | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva. |
| Possessões ultramarinas (idem).....     | 4\$000         | 2\$000            | —              | —                   |                                     |   |
| Extrangeiro (união geral dos correios)  | 5\$000         | 2\$500            | —              | —                   |                                     |   |



ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE

**U**m archeologo engastado num gentleman.

Exterior agradável, simpatico e atraente; maneiras distinctas, mas faceis; conversação solida mas lhana, eis o que se nota, quando com elle nos encontramos.

No rosto aberto e franco retrata-se o proceder recto e firme e a bondade, que é apanagio das almas elevadas.

O que não imagina quem o não conhece, ao vê-lo, é que este individuo, com aspecto de fidalgo, é um erudito, um homem que em vez de dispendir a sua fortuna em divertimentos, caçadas, regatas etc., emprega-a em comprar livros ou producções artisticas de valor reconhecido. Raramente o vemos no theatro e menos nos coliseus, mas encontramos-o na Torre do Tombo, na Bibliotheca

Nacional em quaesquer outros estabelecimentos scientificos e litterarios, ou em algum ponto do paiz onde haja um monumento a observar, um facto a investigar ou a rectificar.

Na sua quinta da Aldea, em Sacavem, ao lado de sua excellente esposa, cercado da sua preciosa livraria, alli organisa e combina os apontamentos tomados e os documentos transcriptos, para depois nos mimosar com o substancioso trabalho — *Brasões da Sala de Cintra*, com *As sepulturas do Espinheiro*, com o *Conde de Villa Franca*, com o *Indice do Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende e dos *Autos* de Gil Vicente — de colaboração com o Visconde de Castilho etc.

Da primeira d'estas obras estão publicados os tres primeiros livros em tres grossos

volumes, recheados de noticias e factos completamente documentados, sendo aguardada com impaciencia a continuação e acabamento, por todos que reconhecem a intensidade e veracidade das producções do illustre e indefesso trabalhador.

No *Jornal do Commercio*, principalmente, tem insirido varios trabalhos mais ou menos extensos e completos, que esperamos brevemente ver reunidos em volume.

A empresa, porém, duplamente importante a que o devotado archeologo metteu hombros, e lhe acarretará o reconhecimento das gerações futuras é a publicação periodica que sob o titulo de — *Archivo Historico Portugues* — começou a publicar em 1903 e vae no terceiro anno, com perseverança, regularidade e inalterabilidade, colaborado por um grupo de individuos igualmente dedicados e estudiosos.

Esta publicação que um erudito francês diz que não tem igual no seu paiz, pode comparar-se pela indole ao — *Archivo dos Açores* — do benemerito e fallecido Dr. Ernesto do Canto, cada uma custeada pelo seu director e proprietario, ambas destinadas a esclarecer e rectificar muitos pontos historicos; distinctas contudo pelo plano, porque esta era exclusiva aos Açores, aquella abrange toda a historia patria.

Na força da vida, possuindo uma solida instrucção, fortuna regular e tenacidade de trabalho, raros dos seus collegas — pares do reino — tem com os seus discursos prestado tantos serviços ao seu paiz, como Braamcamp Freire com as suas obras e empreendimentos historicos. Que lhe não falte a saude e lhe não afrouxe o animo, perante a obturação dos governantes e a indiferença do publico é o que desejamos.



## Chronica Occidental

Estaremos nós em janeiro, no pino-pino do inverno? Não fosse meia duzia de pequenos, que um dia d'estes me perseguiram pela rua dos Caetanos a pedir-me dezreisinhas para Santo Antonio, eu ia dizer que sim.

Hontem á noite, quando vim para casa, de americano aberto, os meus companheiros vinham todos com as golas dos casacos puxadas até ás orelhas e falando sabem de quê? De politica e de theatros!

Mas quando se viu isto em fins de maio, quasi em junho, quando já os santos se preparam para receber os festejos de fogueiras e bombas? Pois por ali, tudo se queixa de frio, e, no Algarve, agora, no mez das flores, até um cyclone, que decerto pouco entendeu de chronologia, se lembrou de fazer das suas afundando barcos e desraizando arvores. Que chovesse um bocadinho, que os milhares crescessem em maio, entendia-se: ha muito se diz que a chuva de maio faz as mulheres bonitas e beneficia os milhos; portanto não faltará nunca quem a deseje. Mas um temporal! mas tanta politica ainda! mas ovações no theatro! Ou Santo Antonio ainda vem longe ou anda Portugal ás avessas.

Nem faltam jantares elegantes para ainda maior tornar a confusão dos que, todos os dias, vão methodicamente arrancando uma folha do calendario suspenso na parede.

E uma recita de amadores em junho quando se viu? E' a maior das surpresas que o inverno teimoso nos podia reservar. Pois é assim. A recita, tambem de caridade como as já effectuadas no theatro de D. Maria e Trindade, realizar-se-ha na Rua dos Condes no dia 2 do proximo mez.

Mas, se o tempo assim continua, estamos a ver que ainda terá de ser transferida a kermesse que no Passeio da Estrela, por iniciativa da Associação da Imprensa Portugueza, está annunciada para o dia 11, ante-vespera do primeiro santo.

Os chapéus de palha, palhinhas vulgares ou panamás riquissimos, mal se atrevem a sahir do cabide onde saudosamente os penduraram no verão passado. Elles, costumados ás praias, aos pic-nics, ao tennis, ao flirt, que coisas estranhas ouviriam n'este maio, se algum imprudente os fosse expôr ao frio vento e á carga d'agua! Elles sabem lá, os innocentes, quem é o sr. José Luciano e os motivos porque é tão falado agora o sr. José de Alpoim! Sabem lá nada do contracto dos tabacos e dos motivos porque é tão falado desde os artigos serios de fundo até á troça dos estudantes!

E de theatros o que sabem os palhinhas, a não ser que já algum andasse perdido alguma vez pelas barracas da feira ou circo Meistrick? Um ou outro ainda pode ser que, uma vez ou outra, em anno que o verão começasse mais cedo, tivesse dado seu passeio até D. Amelia e não dosconhecesse a musica da *Verbena* e dos *Africanistas*; mas a D. Maria ver representar peças muito a serio, ouvir falar italiano e discutir nos corredores paralelos de Suderman e Pinero, comparações de Vitaliani e Duse, isso é que nenhum d'elles podia ter ouvido até hoje.

Mas antes Lisboa seja assim. Pelo menos, para os que teem de aqui arrastar-se pelo verão fóra, quanto mais tarde este houver de começar, melhor lhes irá, mais facilmente encontrarão em qualquer loja de livros ou de tabacos, café ou esquina da cidade com quem travar um bocadinho de cavaco, discutir acontecimentos de politica ou d'arte.

A politica sobretudo continua a merecer todas as atenções. Quem sabe se tambem ella teve

culpas do abandono a que esteve votado o theatro de D. Maria durante as primeiras representações de Italia Vitaliani, uma das melhores actrizes que nos teem visitado? Verdade é que o repertorio para essas primeiras recisas nem sempre foi escolhido de maneira que despertasse o gosto de ir applaudir a grande artista, mas bastaram a *Magda* e *Come le foglie* de Giacosa, auctor italiano celebre ainda desconhecido em Lisboa, para deverem ter feito concorrer á bilheteira do theatro todos aquelles que pela arte se interessam um bocadinho. Felizmente, um dia mais tarde, o cata-vento girou e o vento soprou propicio. A casa encheu-se completamente quando se representou *A segunda mulher de Tanqueray* e Italia Vitaliani, que n'essa noite realisava a sua festa artistica, pode observar o publico de Lisboa n'um dos seus mais quentes enthusiasmos.

Quebrou-se finalmente o gelo. Não só a politica tem direito n'esta nossa terra a absorver todas as atenções, e ser assumpto que apaixone. Um bocadinho d'arte socega os espiritos e é melhor para a alma.

Pois tambem um novo museu, por assim dizermos, foi aberto agora ao publico, de velhas e novas preciosidades, que foram a admiração de estrangeiros illustres que ultimamente visitaram Lisboa. Referimo-nos aos coches e mais carruagens da Casa Real, cuja exposição foi inaugurada um dia d'estes e continuará permanente no Palacio de Belem. Será elle decerto um dos pontos mais visitados pelos estrangeiros do bem gosto que continuam visitando a nossa capital, ponto marcado em todos os itinerarios de viagens recreativas agora tanto em moda em muitos paizes da Europa.

Com menos durezas de Lazareto e de alfandega, Lisboa pôde tornar-se ainda muito mais concorrida, se offerecer as commodidades que deve aos recém-chegados da America do Sul, muito dos quaes preferirão decerto á viagem pelo mar tomar aqui o *Sud-express* que mais rapidamente os poderá conduzir aos paizes do centro da Europa. Para isso preciso é tambem offerecer-lhes distracção e despertar-lhes a curiosidade. Até sob este ponto de vista não temos senão que felicitar os que tomaram a decisão de expôr alguma coisa do que temos de melhor em objectos de riquissima arte.

N'este assumpto de patentear-se alguma das muitas riquezas que ainda possuímos, parte minima de muito maior riqueza, cremos que muito mais se poderia fazer, e vem em auxilio da minha opinião a d'um grande artista nosso, Alfredo Keil, que ainda ha pouco sobe o modo de proceder a este respeito, escreveu e publicou um folheto que deve ser lido por quantos se interessam sobre arte portugueza e educação artistica do nosso povo.

Mas por um qualquer esforço bemdito que se faça n'este sentido, quanta indiferença vemos a maior parte das vezes nos nossos governantes como se salvar-se um objecto d'arte de mãos rapinantes de negociantes estrangeiros, e até por mal maior, d'alguns portuguezes, não fosse por vezes muito melhor para a nação do que muito boas combinações financeiras. Mas isto é bradar no deserto. Senso esthetico é coisa que ninguém exige aos que vão ao leme da barca, e para muitos até o exigil-o pareceria coisa ridicula.

Quando n'outras nações vemos os arreigados ás tradições patrias combaterem por ellas, mais nos offende a indiferença que vemos por ali alastrar-se. Os polacos e os hungaros estão n'este momento reivindicando privilegios para a sua lingua; a nós que nos importa a nossa? Que nos importa que se fale portuguez ou bundo afrancezado? Se um dia, por desastre politico, de novo perdermos a nossa independencia, já não disporíamos talvez d'esse meio, entre todos eficaz, de recuperal-a. Ninguém haverá que leia os Lusíadas, nem haverá outro Frei Luiz de Sousa que, sob o dominio estrangeiro, cuide de melhorar a lingua ensinando aos vindouros suas formosuras, vindouros que não hão de chamar-se nem Antonio Vieira, nem Francisco Manuel de Mello, nem Manuel Bernardes. E d'ahi talvez já não valha a penna: os *commis voyageurs* hão de nos ter ensinado a todos uma lingua chic como as suas gravatas em seda.

Ha dias, na Camara Municipal foi questionado o caso d'uma mudança de nome a uma rua. Um vereador lembrou os inconvenientes que havia em se andar constantemente borrando as esquinas. Mas o que eu não sei é se alguém lá criticou os crimes que em Lisboa se teem commettido a este respeito e que provam, infelizmente, a falta de senso esthetico a que, ha pouco, me referia, qualidade nunca apreciada em todos os elegiveis, seja qual for o logar para que se apresentem.

Mais d'uma vez nos temos referido a estas barbaridades; mas é pregar no deserto, bem o sabemos. Haja qualquer novo heroe do dia e tremam as esquinas e com ellas a historia. E' uma demonstração de gratidão camararia facil e barata. A proposta do vereador é sempre approvada por aclamação. Uma vez em qualquer villasita de provincia puzeram assim fóra o Santissimo Sacramento. Não perderia muito com isso. Mas cá em Lisboa porque raspam o Cataque-farás? Que mal teria elle feito já tão encolhidinho n'uma travessa, e Gil Vicente e Camões que d'elle falaram?

João da Camara.

## Congresso de leitaria, olivicultura e industria do azeite

EXPOSIÇÃO NA REAL TAPADA D'AJUDA

(Continuado do n.º 550)

O illustre relator da these 2.ª, da 2.ª parte, sr. José Miranda do Valle, recebeu tambem uma significativa manifestação de apreço, tanto da parte dos congressistas como da mesa do congresso, pela fórma como redigiu o seu valioso trabalho, que revela um profundo estudo orientado por uma solida intelligencia.



JOSÉ MIRANDA DO VALLE



ITALIA VITALIANI

A 3.ª these despertou, como era de esperar, larga discussão, attendendo á sua enorme importancia para o progresso da industria leiteira.

N'esta altura apraz-nos registar o expontaneo e significativo offerecimento feito pelos srs. Visconde de Coruche e Conselheiro Oliveira Soares, que puzeram á disposição do governo os terrenos necessarios para se emprehenderem as culturas experimentaes tendentes ao melhoramento da cultura forraginosa na provincia do Alentejo.

Digna de registo achamos tambem a proposta do abalizado professor do Instituto d'Agronomia e Veterinaria, sr. Paula Nogueira, concebida n'estes termos: «Propoño que o Congresso reclame do governo o cumprimento da lei do recenseamento pecuario.» E' realmente imperdoavel, e mesmo uma vergonha, que desde ha 35 annos se não tenha feito o recenseamento dos nossos gados, quando a lei do recenseamento pecuario estabelece que essa estatistica seja elaborada de 5 em 5 annos. Sem ella não é possível, com fundamento, avaliar a nossa riqueza pecuaria, quer para o consumo de carne, quer para a exploração leiteira. Estamos ainda hoje — triste é dizel-o — fazendo fé pelo recenseamento de 1870, que nos legou o glorioso Bernardo Lima, o mais illustre medico-veterinario portuguez.

O distincto congressista e afamado lavrador sr. Eduardo Plácido, depois de enaltecer os relevantes serviços que ao paiz tem prestado a Real Associação, apresentou uma proposta tendente ao desdobraimento do actual ministerio das obras publicas em duas pastas, sendo uma destinada a occupar-se exclusivamente das questões que interessam á agricultura.

A ideia do sr. Plácido, que mereceu uma calorosa ovação por parte do congresso, foi impugnada pelo sr. dr. Pedro Ferreira dos Santos, o apreciado auctor do livro mais valioso e proficuo qu , sobre a agricultura portugueza, se tem escripto n'estes ultimos tempos: é o *Guia Pratico das Associações Agricolas de Portugal*. O sr. dr. Pedro dos Santos apresentou uma bem fundamentada proposta, tambem no sentido de se desdobrar o ministerio das obras publicas, para se crear um novo ministerio que poderá denominar-se *ministerio da agricultura*, onde estejam reunidos os serviços correlativos das tres grandes fontes de riqueza: *agricultura, commercio e industria*.



DR. PEDRO FERREIRA DOS SANTOS

Esta ideia, que já defendemos algures, parece-nos ser a mais consentanea com as condições economicas do nosso paiz.

O sr. Conde de Penha Garcia, que, como referimos, se pôz á disposição da Real Associação de Agricultura para fazer conferencias em qualquer ponto do paiz sobre os assumptos da sua these, apresentou ao Congresso a seguinte proposta, que foi vivamente apoiada: «Considerando a conveniencia e vantagem de dar aos ensinamentos d'este congresso a maxima diffusão, e tendo em vista que a vulgarisação dos bons preceitos da agricultura moderna muito deverá contribuir para acelerar a gradual transformação e os progressos da agricultura portugueza, proponho que a Real Associação de Agricultura tome a iniciativa de organizar, em tempo opportuno, conferencias em varios pontos do paiz, destinadas a completar os trabalhos do congresso, explanando e vulgarizando as suas conclusões mais essenciaes.»

Estamos profundamente convencidos de que á Real Associação não hão de faltar muitos e valiosissimos offerecimentos tendentes á realisação do alvitre apresentado n'aquella generosa proposta.

Mereceu tambem uma calorosa ovação ao sr. Sertorio do Monte Pereira esta sua proposta em

que se faz a entusiastica apologia da iniciadora do congresso: «Que a Real Associação de Agricultura Portugueza seja considerada de utilidade publica, gosando igual protecção e auxilio aos que se dispensam a outras associações.»



DR. FERREIRA DA SILVA

A ultima these a ser discutida foi a do sr. dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, que se occupava das *alterações e falsificações do azeite; fiscalisação contra as fraudes*. E' como todos os trabalhos do abalizado professor da Academia Polytechnica do Porto, um bem documentado estudo dos nossos azeites, onde se alia á proficiencia do saber o radicado amor á agricultura portugueza, por cujo progresso tem pugnado com extraordinaria tenacidade o illustre chimico, que tão lisongeiros referencias tem recebido por parte dos mais notaveis chimicos da França e da Allemanha, onde chegaram alguns dos seus valiosos trabalhos sobre chimica bromatologica, d'entre os quaes merecem especial menção os que se referem á pretendida salicylagem dos nossos vinhos.

Ao encerrarem-se os trabalhos, o sr. Conselheiro Oliveira Feijão, a alma organisadora do congresso e ao mesmo tempo o infatigavel congressista e relator que deu áquella certamen um significativo impulso, concorrendo por uma maneira notavel para o seu brilhantismo, o sr. Conselheiro Oliveira Feijão, dizemos, confessou-se extremamente grato pela fórma assaz correctá como decorreram todos os trabalhos, facto que deveras lisongea a direcção da Real Associação. A sua gratidão estende-se a todos os cooperadores da obra do congresso, abrangendo a Sociedade de Geographia, a Sociedade das Sciencias Agronomicas, a Sociedade de Medicina Veterinaria, os illustres relatores e os quintanistas do curso agromonico.

O nobre Conde de Bertandos, o estimado presidente da mesa do congresso, cujos trabalhos dirigiu com a superior competencia que ha muito se lhe reconhece, agradeceu penhorado os louvores que lhe haviam sido justamente dispensados, afirmando que o futuro da patria dependerá dos agricultores, cuja oligarchia não teme nem receia.



ALFREDO BARJONA

Testemunhou a sua eterna gratidão para com todos quantos o coadjuvaram no bom exito do congresso, incluindo a cooperação valiosissima da imprensa, que divulgou por todo o paiz a alta significação e alcance d'este empreendimento.

Não podemos terminar este rapido esboço sobre o congresso sem registar a activa e intelligente collaboração do sr. Antonio Alfredo Barjona de Freitas, que quer nas sessões preparatorias, quer nas plenarias, manifestou largo conhecimento das questões agricolas, sendo por sua iniciativa que muitas e importantes modificações foram feitas nas conclusões d'algumas das theses discutidas.

O nome do sr. Alfredo Barjona é largamente conhecido na agricultura portugueza, que muitos e relevantes serviços lhe deve. Vejam-se os relatorios dos congressos vicolos de 1895 e de 1900 e lá nos apparece o sr. Barjona, como um dos mais dedicados amigos da agricultura. A provincia do Cabo Verde testemunha a alta competencia do sr. Barjona, que, como governador d'aquelle archipelago, n'uma época de intensa crise de fome, soube, com superior criterio e profundo conhecimento de administração colonial, livrar aquella importante colonia dos males que a affligiam. Da maneira como a administrou e do zelo com que lhe estudou as condições de desenvolvimento agricola, fallam eloquentemente as suas preciosas communicacões feitas ha pouco á Sociedade de Geographia, sobre a provincia de Cabo Verde.

Foi o sr. Barjona o auctor do primeiro projecto apresentado ao parlamento para a constituição dos *syndicatos agricolas*, que tão uteis serviços vieram prestar á agricultura, sendo o primeiro — o *syndicato agricola de Montemor-o-Velho*, fundado por este illustre agricultor.



VISCONDE DE CORUCHE

Nas longas e importantes sessões do congresso tivemos o prazer de ouvir o sr. Visconde de Coruche, que conquistou a reputação de agronomo intelligente e profundo conhecedor de todos os assumptos agricolas. Da sua activa collaboração nas discussões das theses, resultaram importantes additamentos e correcções, que evidenciam o cuidado e interesse com que o nobre titular encara os diferentes problemas da nossa agricultura. O sr. Visconde de Coruche, que ha pouco herdou o titulo do seu illustre progenitor e saudoso agronomo, a quem a agricultura portugueza ficou devendo inolvidaveis serviços, vem continuar as honrosas tradições paternas, com o que muito lucraria a classe agromonica e o paiz.

Muito mais teriamos a dizer sobre os benemeritos cooperadores do congresso, mas escasseiam-nos o espaço e a competencia para tão espinhoso encargo.

Para finalizar o que, n'esta rapida analyse, temos a dizer sobre o congresso, apenas registamos que este certamen se encerrou no dia 16 do corrente, data solemne, cuja recordação se não apagará tão cedo da memoria d'aquelles que assistiram a essa brilhante manifestação do progresso das nossas industrias agricolas.

Um lauto banquete, organizado pela Real Associação, fechou, com chave d'ouro, os trabalhos do congresso, cuja celebração havia sido benevolamente acolhida pelo governo, que lhe concedera um importante subsidio. O governo, no proposito de testemunhar o interesse com que encara as necessidades da nossa agricultura, veio abrilhantar com a sua presença o banquete, ao

## A Temporada Lyrica do Colyseu dos Recreios



FAUSTA LABIA



ADELE POUZANO



MARIA GALVANY



MARIO PAGANI



JOSÉ MALHÓ



D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO



JOÃO VAZ



MOURA GYRÃO



COLUMBANO B. PINHEIRO



ANTONIO RAMALHO



J. R. CHRISTINO DA SILVA



A NOVA SALA DO LEÃO D'OURO — DECORADA PELOS ARTISTAS DO «GRUPO DO LEÃO»  
(Desenho do sr. J. R. Christino da Silva)



qual assistiram quasi todos os membros do gabinete, os directores da Real Associação, muitos congressistas, etc.

Por parte do governo compareceram os srs. conselheiros Eduardo José Coelho, ministro do reino; Arthur Montenegro, da justiça; Manuel Afonso d'Espregueira, da fazenda; Antonio Eduardo Villaca, dos negocios estrangeiros, Sebastião Telles, da guerra, e D. João d'Alarcão, das obras publicas.

Da Real Associação estavam, entre outros, os srs. conde de Bertiandos, presidente da assembléa geral; marquez de Pombal, vice-presidente; conselheiro Oliveira Feijão, presidente da direcção; Cincinnato da Costa, vice-presidente; dr. Antonio Rivara, secretario; Domingos Briffa, thesoureiro.

Compareceram tambem os srs. conselheiros Augusto José da Cunha, director do Instituto de Agronomia e Veterinaria; Alfredo Carlos L. e Cocq, director geral de agricultura, e os srs. José Antunes Pinto e Luiz Rebello da Silva, presidentes honorarios do congresso.

Proferiram-se no banquete brilhantes discursos de congratulação pelo emprehendimento que acabava de encerrar-se e cuja gloria cabe principalmente á Real Associação d'Agricultura, que mereceu a mais calorosa homenagem do governo e de todos os assistentes. A fundação do ministerio da agricultura, que havia sido ardentemente reclamado pelo congresso, foi sollicitado novamente pelo sr. dr. Oliveira Feijão, que demonstrou as vantagens da descentralisação dos serviços do ministerio das obras publicas.

O illustre ministro dos negocios estrangeiros, que tanto se tem evidenciado pelos seus esforços tendentes á celebração de tratados de commercio e que é altamente apreciado pela nobreza do seu caracter e pela sua elevada intelligencia, recebeu justissimas e sinceras homenagens do congresso. Entre ellas destaca-se a do sr. conde de Bertiandos, que chamou ao sr. conselheiro Eduardo Villaca um devotado amigo do seu paiz, de cuja actividade muito ha a esperar.

Agradecendo essas bem merecidas homenagens a que do coração nos associamos, o nobre ministro dos estrangeiros fez a importante affirmacão, que lhe importava n'uma difficuldade grave, de que se compromettia a desempenhar com boa vontade e a empregar todos os seus recursos por forma a auxiliar a lavoura na collocacão dos seus productos.

Crêmos firmemente que as promessas do sr. conselheiro Eduardo Villaca, feitas tão sinceramente e com tanto entusiasmo perante os numerosos convivas do banquete do congresso de leitaria, olivicultura e industria do azeite começaram muito em breve a ser do dominio da realidade.

(Continúa).

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.

### A temporada lyrica do Colyseu

Disse algures o malogrado jornalista dr. Cunha Bellem, n'um dos seus eloquentes discursos, que o sr. commendador Antonio Santos proporcionando a audiçã das melhores operas a todas as classes lhes prestava um relevante serviço. Que lançara mão d'um dos elementos mais civilisadores da actualidade — a musica — e fazia-a ouvir pelo pobre, pelo operario, simultaneamente praticando duas boas obras — o desvial-o da taberna e do jogo e o afinar-lhe o sentido.

Effectivamente o infatigavel emprezario operou o milagre. Ha vinte annos ninguém pensava que seria possivel desenvolver entre as baixas camadas sociaes o gosto pelas partituras de Gounod, Rossini, Meyerbeer, Donizetti, Bellini e Verdi e todavia, actualmente não é raro ver a geral do Colyseu completamente cheia, quando se annuncia a *Norma*, a *Lucrecia Borgia* o *Roberto o Diabo* ou os *Huguenottes*.

Nunca se imaginou ser possivel que o pedreiro ao sabbado, no dia da féria, após o largar do trabalho, dissesse para a mulher:

— O' Maria queres ir á opera? Olha que canta a Galvany, aquella que faz coisas bonitas com a garganta?

A Antonio Santos se deve, pois, inquestionavelmente, esta sympathica e altruista revoluçã nos nossos costumes.

Antes d'elle implantar as temporadas lyricas populares fallar-se d'opera mesmo em muitos circulos da classe média, era como se fallassemos em pedras preciosas como o brilhante ou a perola. D'estas conheciam apenas algumas esquirolas em

anneis ou pulseiras, que possuam, ou por as verem na montra d'algum joalheiro; d'equella receavam os trechos que eram infernalmente tocados pelas meninas casadoiras, em pianos, por via de regra verdadeiros chocalhos, ou, *moidas* nos velhos e não menos infernaes realejos, que vagueavam por essas ruas.

Antonio Santos consegue reunir na sua elegante casa de espectaculos clero, nobreza e povo confraternizando-se para prestarem culto á sublime Euterpe.

Este anno, como nos precedentes, foi inaugurada a epoca lyrica no sabbado d'alleluia, — dia que a nossa egreja commemora com festivos canticos, — e mais uma vez o intelligente emprezario viu galardoado os seus esforços com o applauso unanime do publico e da imprensa. Por isso o OCCIDENTE, revista que tem sempre acompanhado passo a passo os acontecimentos dignos de mençã, não podia ficar silencioso ante os ininterruptos triumphos alcançados pela companhia italiana que ora actua no vastissimo colyseu das Portas de Santo Antão.

Já ali foram ouvidos os deliciosos *spartitos* da *Lacia de Lammermoor*, *Bohemia*, *Africana*, *Tosca*, *Baile de Mascaras*, *Cavalleria Rusticana*, *Palhaços*, *Gioconda*, *Barbeiro de Sevilha*, *Somnambula*, *Carmen*, *Dinorah*, *Fausto*, *Favorita*, *Trovador*, *Rigoletto*, *Puritanos*, *Traviata* e *Elixir d'Amor* e a todos o distincto nucleo de artistas deu notavel colorido, o que não admira attendendo ao seu comprovado mérito.

Pedro Pinto.

No presente numero publicamos os retratos de algumas das principaes figuras da companhia, cujo elenco é o seguinte:

Maestros: Vincenzo Petri e Giuseppe Lorient; soprano dramatico: — Maria Grisi; soprano lyrico — Fausta Labia; sopranos ligeiros: — Maria Galvany e Henriqueta Aceña; mezzos-sopranos: — Maria Classens e Adele Pouzano; tenores: — Carlo Barrera, Mario Pagani, Pietro Bersellini e Vincenzo Montanari; barytonos: — Bartholomeo Dadone, Michele Giovacchini e Emilio Cabello; baixos: — Sebastiano Giroto, Angelo Masani e Emmanuel Candella; baixo comico: — Frederico Carbonetti; soprano comprimario: — Adella Gasull.

### «O LEÃO D'OURO»

Já agora ficará celebre na historia da arte em Portugal pelos tempos fóra, este titulo opulento com que o sr. Antonio Monteiro baptizou a sua cervejaria ou restaurante da rua do Principe, ha bons vinte annos passados; e não só a cervejaria, mas ainda o grupo de artistas, que menos o ouro, tomou aquella denominação, ou antes o publico lh'a deu, por ali se reunirem todas as noites ao *cavaco* e a conspirarem para a grande revoluçã que levaram a cabo na arte nacional, com a primeira exposiçã de pintura moderna, tendo á frente Silva Porto, o mestre, o revolucionario... da palheta, que tão cedo havia de deixar envolta nos crepes da morte.

Entretanto a sua obra ficou e os sobreviventes continuaram na brécha, embora um ou outro tenha resvalado tambem para o tumulo, como Leandro Braga, Raphael Bordallo, e não nos lembra agora se mais algum.

Mas não é de mortos que vimos fallar, senão de vivos, dos que ainda restão d'esse glorioso *Grupo do Leão*, cuja vitalidade se manifesta em obras e progressos que não deixarão apagar sua fama.

Agora, como ha vinte annos, são os artistas d'esse grupo, que vem decorar com seus quadros uma nova sala do restaurante *Leão d'Ouro*.

Ha vinte annos foram os artistas que tomaram a iniciativa de decorarem a primeira sala d'aquelle restaurante e, então offereceram os seus quadros, onde se encontra a grande tela de Columbano em que figuram todos os do grupo á mesa de lauta ceia.

Hoje foi o sr. Antonio Monteiro que bizarra e generosamente tomou a iniciativa de convidar os artistas para decorarem a nova sala, dando assim frisante prova da muita consideracão por aquelles que tornaram o seu restaurante celebre fazendo ali, por assim dizer, um centro artistico.

O sr. Antonio Monteiro manifestou o desejo que a nova sala fosse decorada com quadros pintados pelos artistas sobreviventes do *Grupo do Leão*, e para esse fim pediu ao sr. João Vaz para se entender com os seus collegas sobre a melhor forma de realizar seu proposito.



ANTONIO MONTEIRO

João Vaz convidou então Columbano Bordallo Pinheiro, José Malhóa, Antonio Ramalho (que ao tempo da decoracão da primeira sala estava auzente no estrangeiro); Moura Gyrão, D. Maria Augusta B. Pinheiro e Ribeiro Christino a apresentarem as condições de cada trabalho de pintura: o mesmo artista projectou a divisã dos espaços a decorar que, pelas condições constructivas da sala tinham de ser de diversos formatos; os apainelados e emolduramentos em que as pinturas seriam collocadas.

Foi dado como maximo praso de tempo para a execuçã da tarefa, seis semanas, para se poder reabrir o *Leão d'Ouro* em sabbado d'Alleluia, 22 de abril de 1905.

N'essa data foi pontualmente feita a reabertura com tudo concluido.

Aproveitou-se o encerramento do restaurante, para ser renovada a primeira sala, limpem-se os antigos quadros, e renovaram-se as molduras, ficando a sala muito mais clara.

Contrasta muito a nova sala pela luminosidade e vivacidade dos quadros emoldurados a branco e oiro nos filetes; a base dos arcos da sala tem golphinhos dourados e no alto 6 grandes pratos decorativos da fabrica de faianças das Caldas da Rainha recorda Raphael Bordallo Pinheiro, o saudoso ceramista e caricaturista.

Os quadros ou *panneaux* decorativos são seis, divididos cada um em tryptico; as composições seguem porém como se fosse um quadro só, excepto a de Malhóa que contem tres assumptos diversos sob o titulo de *apothose da lagosta*; o do meio representa, n'um rico salão illuminado tendo colgaduras e flores, uma grande mesa de banquete sobre a qual de pé um menino de monoculo e charuto, rodeado de outras creanças, algumas com chapéus de senhora, brindam com *champagne*, o prato da lagosta, trazido por ares e ventos por outros bebês vestidos de cosinheiros com aventaes e barretes brancos. Na esquerda um outro garotete, feito creado, transporta iguarias. Na direita, como n'um terraço ao ar livre, de noite, um petiz dorme encostado a uma mesa redonda, emquanto outro debruçado sobre a balastrada vae alijando para fora a demasiada refeição.

Fronteiro está o quadro de Columbano, tambem com dois pequenitos, um dos quaes com soberbo gesto levanta um rico panno de velludo carmezim descobrindo uma grande mesa com comestiveis, taes como: aboboras, limões, maçãs, um pato e cabrito já mortos.

A seguir a este e do mesmo lado, João Vaz representa o Lavradio cheio de sol espelhando-se no tranquillo Tejo de cristal, fragatas com vellas soltas reflectem-se n'agua por sobre a qual bandos de gaivotas revõam.

O quadro produzido por Moura Gyrão está de frente do de João Vaz; n'um suave poente destaca-se uma cortina de alvenaria tendo estendido um bello chaile de seda amarella sobre o qual dois pombos arrulham; ao longo pinheiros, plantas no primeiro plano e á direita uma florida oláia alindam a paysagem.

A seguir a este, representa Ribeiro Christino os campos do Liz alteando-se ao centro o imponente castello historico de Leiria, que tudo se divisa para além do choupal que emoldura o rio, cantado por Rodrigues Lobo; á esquerda braceja os ramos d'um carvalho tendo em volta lyrios, margaritas, papoilas e outras flores campestinas; á direita, n'um monte cheio de urze florida, alveja um

casal n'uma seara, por detraz os pinheiros co- roam o monte, ao segundo plano uma leirião com uma pequenita, transporta fructos n'um processo á cabeça.

Em face Antonio Ramalho representa uma parte da matta do bussaco com os altos cedros e multi- dão de arbustos, elevando-se no centro o grande palácio neo-manuelino; nos ares uma figura femi- nina alada espalha flores sobre a matta.

Na parede do fundo em duas tiras apaineladas D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro pintou dois delicados festões de rosas brancas e vermelhas.

Um lambri imitando couro lavrado reveste a perté inferior da sala fazendo fundo ao mobiliario.

Tal é no seu conjunto a nova sala artistica em que, parece remoçou o *Grupo do Leão*.

## O ESPELHO DE MATSUYAMA

(CONTO JAPONEZ)

Ha muito tempo viviam, n'um sitio muito tran- quillo, um homem ainda novo e sua mulher. Ti- nham uma creança, uma filhinha, que amavam de todo o coração. Não posso dizer os seus no- mes, porque desde ha muito cahiram no esqueci- mento; mas o nome do logar onde viviam era Matsuyama, no Etsigo.

Aconteceu uma vez, quando a filhinha ainda era bebê, vêr-se o pae obrigado a ir a uma grande cidade, á capital do Japão, para tratar d'alguns negocios. Era muito longe para a mãe e para a creancinha o acompanharem, de sorte que elle partiu sózinho, dizendo-lhes até á vista e promet- tendo trazer-lhes alguma prenda bonita.

A mãe nunca tinha ido mais longe do que á aldeia proxima e por isso não pôde deixar de se assustar um pouco com a idéa de que seu marido tentasse uma viagem tão longa, e no entanto es- tava ao mesmo tempo satisfeita, porque elle era o primeiro homem d'aquelles sitios que ia á grande cidade onde veria o rei, cercado de todos os senhores e onde havia tantas e tão curiosas cousas para vêr.

Chegou, enfim, a epoca em que devia es- perar vêr o marido de volta. Vestiu a filha com os fatos mais lindos, envergando ella tambem um lindo vestido azul, de que sabia que o marido gostava.

Pode-se calcular como essa excellente mulher se encheu de contentamento ao vêr que o ma- rido voltava de boa saúde e como a filhinha dava palmas e ria de prazer quando viu os lindos brin- quedos que o pae lhe trouxera.

Este tinha muito que contar sobre as cousas maravilhosas que tinha visto na viagem á cidade.

«Trouxe-te — disse elle á mulher — uma coisa muito linda; isto chama-se um espelho. Olha e di- ze-me o que vês lá dentro».

Deu-lhe então uma caixa de madeira branca muito liza, na qual ella encontrou, ao abrir, um objecto redondo de metal. Um dos lados era branco como prata embutido e ornado de desenhos em relevo, representando passaros e flores; o outro era brilhante como o mais puro crystal. A joven mãe observou o com prazer e espanto, porque das pro- fundidades do espelho uma linda figura de labios rosados e de olhos lípidos lhe sorria.

«Muito bem, então o que vês?» repetiu o ma- rido, satisfeito com o seu espanto e contente de poder mostrar-lhe que tinha aprendido alguma coisa durante a sua ausencia. «Eu vejo — respon- deu ella — uma linda mulher que me observa; mexe os labios, como se fallasse e tem — como é cu- rioso! — um vestido azul igual ao meu».

«Pois minha simplicioria, o que tu vês é a tua pro- pria figura — respondeu-lhe o marido, orgulhoso de saber alguma coisa que sua mulher ignorava.

Este objecto de metal redondo chama-se um espelho; na cidade toda a gente tem um, posto que nós nunca tenhamos visto nenhum por estes sitios».

A mulher ficou encantada com o presente e, durante uns poucos de dias, não se fartou de mi- rar o espelho, pois que se era a primeira vez, como dissémos, que ella via um, era tambem a primeira vez que ella via o reflexo da sua linda physiono- mia. Mas, em breve, achou que o objecto era de- maisiado precioso para o usar todos os dias, e immediatamente o metteu outra vez na caixa, com muito cuidado, no meio dos outros objectos que ella muito estimava.

Passaram-se annos; marido e mulher viviam sempre felizes. A alegria da sua vida era a filhi- nha viva, imagem da mãe e que estava muito cres- cida, e era tão meiga e tão obediente que todos a estimavam.

Recordando-se do pequeno momento de vai- dade que tinha tido ao achar-se tão bonita, a mãe guardava cuidadosamente o espelho occulto, com receio de que se se servisse d'elle, isso poderia fazer penetrar no espirito da filha pensamento d'orgulho.

Já não fallava n'elle e, quanto ao pae, tinha por sua parte esquecido tudo.

A filha cresceu pois tão ingenua como sua mãe o tinha sido e não sabia de modo algum quão lin- das eram as suas feições, ao mesmo tempo que ignorava o espelho que lh'as teria dado a conhecer.

No entanto uma grande desgraça veio cabir sobre esta familia tão feliz. A boa e terna mãe adoe- ceu; e, posto que a filha a tratasse dia e noite com muito carinho e dedicação, foi-se achando cada vez peor até que se perderam as esperanças de a vêr restabelecer.

Quando viu que devia tão cedo deixar o marido e a filha, a pobre mulher ficou profundamente contristada por aquelles que ia deixar e sobre- tudo pela sua querida filhinha.

Chamou-a para junto de si e disse-lhe: «Minha querida filha, sabes como estou doente: em breve devo morrer e deixar-te-hei só com teu pae. Logo que eu morra promette-me que te has-de mirar n'esse espelho todas as manhãs e todas as noites; ver-me-has n'elle e saberás assim que eu estou sempre ahí velando por ti» Ao dizer isto, pegou no espelho e deu-o á filha. A creança, a chorar muito, prometeu que assim faria e á mãe, com semblante calmo e resignada, morreu pouco tempo depois.

A joven, obediente e respeitosa, não esqueceu nunca a ultima recommendação da mãe; todas as manhãs e todas as noites tirava o espelho do es- conderijo e mirava-o por muito tempo e ardente- mente. Aparecia-lhe então a clara e sorridente visão da mãe perdida; não pallida e adoentada como nos ultimos dias da sua vida, mas a bella e jovem mamã de out'ora.

A ella, á noite, contava os desgostos e as dif- ficuldades do dia; a ella, pela manhã, pedia animo e conforto para tudo quanto lhe pudesse succe- der.

Assim todos os dias vivia ao lado da mãe, es- forçando-se para lhe agradar, como o tinha feito out'ora quando ella vivia, e evitava com todo o cuidado fazer coisa que a pudesse desgostar.

O seu maior gosto era o poder vê-la no espe- lho e dizer-lhe: «Mãe, fui hoje como tu deseja- vas que eu fosse».

O pae vendô-a assim, todas as noites e todas as manhãs, a mirar o espelho e parecendo fallar com elle, perguntou-lhe por fim a razão da sua extra- nha conducta.

«Pae, respondeu ella, pego todos os dias no es- pelho para vêr n'elle a minha querida mamã e fallar-lhe.» Em seguida contou ao pae o ultimo desejo da mãe e a promessa que ella tinha sem- pre mantido.

Enternecido com tanta simplicidade, obediencia e amor, o pae desfez-se em lagrimas. Não teve coração para dizer á filha que a imagem que ella via no espelho não era senão o reflexo do seu rosto gracioso que, por uma sympathia e uma as- sociação constante do pensamento, de dia para dia mais se assemelhava ao da querida morta.

22-5-905.

(Trad.) J. A. Macedo d'Oliveira

## CONTOS DA INDIA

por D. Thomaz de Noronha

GÓA, CASA I USO-FRANCEZA — 1905

Surprehendeu-me ha poucos dias o meu esti- mado amigo Caetano Alberto da Silva, pergun- tando-me em carta, se recebera o volume *Contos da India*; se era meu parente o auctor e se eu ti- nha duvida em referir-me á obra em qualquer hypotese.

Respondi verbalmente ao meu amigo no escri- ptorio da administração e redacção d'esta revista illustrada, affirmando-lhe que teria muito gosto em dizer do trabalho citado de meu primo Tho- maz desde que me fosse facultada a leitura dos *Contos da India*, pois, não possuia exemplar algum e nem até soubera de sua publicação, o que, aliás, não admira, atenta a distancia que nos se- para.

A consagnidade não me perturba nem me prende quando se me pede um juizo imparcial; e tal é o motivo porque hoje, que li o volume,

posto á minha disposição por Caetano Alberto vou devolver-lh'o com poucas linhas de aprecia- ção tão despretenciosa quanto despida de aucto- ridade.



D. THOMAZ DE NORONHA

O presente volume de D. Thomaz de Noronha, abrange 252 paginas de texto, que encerra quatro contos: «O meu Guia — O Bacharel Chrisostomo — Milagres de S. Francisco — Rucumini».

Precedendo o original fez o editor imprimir um introito cujo primeiro periodo se acha concebido n'estes termos: «Os contos que hoje apresenta- mos ao publico, foram escolhidos na collecção que o seu auctor nos mostrou ha tempo».

E, quasi a seguir, declarou havel-os escolhido por serem de GóA.

Com effeito, o Thomaz em linguagem colorida e scintilante, com fino humorismo e com deli- cado bisturi, revela-nos GóA por dentro e por fora, ministra com salutar engenho de forma o ensino da actualidade d'aquella joia preciosa con- quistada para o brilho da coróa portugueza por um soldado incomparavel e por um apostolo sem rival — Albuquerque e Xavier!

Abre o volume discorrendo á Flammarion e á Graffigny, na palma da mão de um ente alheio ao nosso planeta, atravez espaços atmospericos que lhe permitem patentear os mil encantos da so- nhadora peninsula industanica, falar dos mundos, misteriosos povoadores da immensidade, penetrar na verdadeira medida a estatura moral do homem e preconisar a tarefa scientifica dos grandes ge- nios.

Fecha o volume com um quadro de noivado e da morte de bramanes, em que se conclue para o leitor a demonstração cabal de que o Thomaz sabe embrenhar-se nas paginas do livro da psico- logia dos povos e extrahir de lá insinuantes lições e conceitos primorosos.

Terminaria aqui, se não entendesse dever acrescentar, que o volume *Contos da India*, de- leitando e instruindo, não offende o extremo ri- gor dos maismeticulosos em leituras.

D. Francisco de Noronha.

## LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

São já conhecidos diversos processos de reve- lação pelos papeis de citrato. Dois novos proces- sos foram imaginados: o da Casa Tambour, de Paris, e o de Mercier, da mesma cidade. Occu- par-nos-hemos, hoje, do primeiro d'estes proces- sos.

O revelador Tambour apresenta-se sob fórma de pó branco contido em pequenos tubos de vi- dro de que um basta para fazer 250<sup>mos</sup> d'agua. A dissolução é rapida, preparando o banho só na occasião de se usar, não o conservando porém, de- vendo por isso ser regeitado depois de ter servido a algumas provas. É preferivel só revelar uma prova de cada vez. Colloca-se esta n'uma tina, deitando-se o banho sobre essa prova, a qual se revela em 3 minutos, fixando-se por meio do hypo-sulphito a 15 %, durante 15 minutos, lavan- do-se em seguida cuidadosamente, como de costume, afim de se eliminar da prova o hypo- sulphito.

Póde-se revelar outras provas no mesmo banho, tendo porém, o cuidado de o inutilisar, desde que elle tome uma côr escura carregada.

Na nossa proxima licção, trataremos do revela- dor Ralhis, processo imaginado por Mercier.

